



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

13221 - Resumo Expandido - Trabalho em Andamento - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT19 - Educação Matemática

MATEMÁTICA E SALA DE AULA: O QUE PODEM UMA AULA E A ESCOLA?

Marcos Adriano de Almeida - UFJF - Universidade Federal de Juiz de Fora

MATEMÁTICA E SALA DE AULA: O QUE PODEM UMA AULA E A ESCOLA?

Uma pesquisa que se faz ou se dá em acontecimentos. Permeando a escola, suas salas de aula, corredores, escadas, pátios, hortas, também seus tempos, recreio, intervalos, rotinas, alunas, alunos, docentes, famílias, comunidade escolar. Que vidas se fazem ali? Que vidas se afirmam nesses acontecimentos atemporais que se passam e perpassam por e numa escola? Essas perguntas geraram vários desdobramentos. Várias inquietações, ruídos e produções maquinicas. O que pode uma vida miúda? Pode um acontecimento, pequeno que seja, provocar pensar? Pode um pequeno acontecimento produzir uma sucessão de sentidos? Ou eles já seriam o próprio sentido? Maria corre pelo corredor com um celular na mão, jogando. Maria chora sobre uma operação matemática. Esses acontecimentos repletos de sentidos tornam-se elementos ímpares para esta pesquisa. Vidas que se afirmam! Essas possibilidades, acontecimentos e escritos se perpassam, sem com isso formar uma sequência cartesiana. Portanto, neste que podemos chamar de provisório texto, pretende-se perguntar: que pode uma vida, em experimentações na escola, com a escola e através dela? O que esses acontecimentos dizem da escola? Da vida? Quais escritas eles provocam? Quais encruzilhadas eles deixam para o pesquisador ou para aqueles e aquelas que, são perpassados pelos seus emaranhados de forças? O brincar na escola, o tempo na escola, a vida que se faz e provoca outros lugares de afeto. A escola deixa de ser o espaço fixo, imóvel, e se torna, sempre, um espaço que se constitui com a criança, um espaço de disputa, de relações instáveis e provisórias. Uma pesquisa imbricada nos processos de vida que se dão na e com a escola, feitos de atravessamentos.

Palavras-chave: Acontecimento. Educação. Modos de (re)existir. Fabulação.

INTRODUÇÃO

Uma pesquisa que se faz ou se dá em acontecimentos. Permeia a escola, suas salas de aula, corredores, pátios, hortas, também seus tempos, recreio, rotinas, alunas, alunos, professores, família, comunidade escolar. Que vidas se fazem ali? Que vidas se afirmam nesses acontecimentos atemporais que se passam e perpassam numa escola? Essas perguntas geraram vários desdobramentos. Pode um acontecimento provocar pensar? Pode um pequeno acontecimento produzir uma sucessão de sentidos? Ou eles já seriam o próprio sentido?

Esses acontecimentos repletos de sentidos tornam-se elementos ímpares para esta pesquisa. Nas páginas que seguem, tento trazê-los de forma a compor um movimento em que a pesquisa se desdobra em momentos distintos de uma escrita.

Portanto, pretende-se perguntar neste texto: que pode uma vida, em experimentações na escola, com a escola e através dela? O que esses acontecimentos dizem da escola? Da vida? Em quais encruzilhadas deixam o pesquisador ou aqueles que são perpassados pelos seus emaranhados de forças? O brincar na escola, o tempo na escola, a vida que se faz e provoca outros lugares de afeto. A escola deixa de ser o espaço fixo, imóvel, e se torna, sempre, um espaço que se constitui com a criança, de relações instáveis e provisórias.

LÂMINA

— *Professor!*

— *Fala, Maria!*

— *Não sei fazer conta de dividir de dois números!*

— *Ora, você já está no sexto ano!*

Do rosto de Maria à tarefa disposta no caderno, uma lágrima.

Caiu feito uma lâmina afiada!

Silêncio!

Lâmina, do latim, *lamina*, folha delgada. Da folha que recebe as palavras, da pele que é cortada, da pele que é tecido, que é lâmina. A lágrima que cai afiada sobre o caderno é lâmina cortante, rompe, provoca e desafia. Ela é folha, fina de metal, de vidro ou de qualquer outra coisa, folha de papel. A lâmina que se divide em duas corta a pele! A pele é a superfície mais profunda (DELEUZE, 2007, p. 106). A pele é lâmina.

A lágrima cortante deixa a folha em carne viva. Lágrima lâmina. Que forças e que querereres experimentam um cortar? Corte: um rasgo na pele, passagem ao fluxo intenso da vida. Analisar o quê? Não há nada para se explicar, nada há para entender. Cartografias desenhadas lâmina por lâmina.

Toda vez que apresento o fragmento acima, de um acontecimento em uma aula de matemática, gera sentidos e modos de pensar os diversos processos e movimentos que compõem essas aulas. As falas são surpreendentes – *minha filha passou todo o Ensino Fundamental em lágrimas por conta das aulas de matemática* – ou – *como as provas de matemática me faziam chorar* – e ainda – *quando a professora vinha tomar os pontos da tabuada, eu me desabava em lágrimas*.

Como lidamos com os modos do ensino da matemática no cotidiano escolar? Quais são suas aproximações e seus distanciamentos? Os currículos matemáticos atendem a quem? A quais demandas estão relacionados? Que forças e querereres são engendradas nestes currículos?

JOGO

Maria brinca!

Enquanto brinca, imagina mundos, brinquedos de rua, rua!

Bola, amarelinha, pneu, pique-pega, cabra-cega, pique-baleia, esconde-esconde, pé de lata,

[...]

Ela brinca! Já fugindo da infância, outras brincadeiras.

Na mão, um celular,

proibido na escola, subvertendo a ordem, mantendo-se presente ali!

Um jogo no celular, modos de brincar?

Enquanto caminha, “descobrir palavras”: é preciso combinar 5 letras e formar palavras.

[...]

Já vai começar uma aula de matemática, não pode mais celular.

Clandestino.

Inquieta, ansiosa, acaba por se revelar, anuncia:

— Professor, me ajude a achar a palavra!

Professor de matemática, desconfia. Cautela.

Depois, acolhe. Curioso, tenta - difícil!

[...]

Frustração! Propõe:

Apresenta o jogo do celular, para a turma:

Subversão numa aula!

Aula de equação?

Não será!

Aula do jogo do celular!

Acontece, percebe, aproveita!

Intensifica-se tudo! Imagina!

Provoca!

— Esse jogo é matemática pura!

A turma atende!

Antes dispersa, agora atenta, volta-se para o desafio.

— Como pode um jogo de letras e palavras ser de matemática?

É desafio, é combinação, é combinatória!

Eureka!

Começaram dúvidas, questões, perguntas, toda a turma querendo saber:

— *Como é possível?*

— *Prova!*

Professor propõe:

— *Tem como descobrir quantas vezes mudamos as cinco letras de lugar e formamos novas palavras!*

Troca de lugares! Que lugares? Quem troca?

Inaugura a palavra!

Inaugura-se a palavra – anagrama!

Interesse, menina que se afeta!

— *Professor, professor, a resposta tem tempo!*

Tempo escorre!

Tempo de aprender, tempo de novas palavras, tempo de curiosidade!

Tempo do que fazer! Vai dar tempo?

[...]

Professor ensina cálculos. Ganhando tempo!

É possível ganhar tempo?

Surpresa!

— *Não! – grita a menina! São minutos, poucos minutos!*

Tempo!

Precisamos organizar isso!

Pensa gente, organizar as letras de que forma?

Não dá!

Organizar?

Desorganizado tudo ficou!

Alfabeto!

Grita Pedro!

Em ordem alfabética!

[...]

Pressa, turma aflita, se atrapalham em grupos, se embaralham!

— Professor, nos enrolamos aqui!

Começam a organizar!

Não tem palavras certas, algumas não dão pra ler!

Questionam! Discordam!

— Dá pra ser mais fácil?

Maria propõe:

— Pode propor?

— Dar números para as letras, fazer na forma de 1, 2, 3...

Recomeçamos!

Tempo, tempo, tempo ...

Relógio incansável, devora tudo! Consome!

Vamos conseguir?

Tentamos, ficamos na aula. Peleja, correria!

— Acho que conseguimos! – gritou um grupo.

Corremos!

Passamos para o quadro!

Beleza, beleza no trabalho, registros, tentativas!

Tentamos!

Perdemos!

O tempo do jogo acabou!

Frustração?

Não!

Nenhuma!

— *Professor, passa mais, tá muito legal!*

Dá pra fazer com símbolos!

[...]

Várias aulas – um acontecimento!

Expande, transborda, inquieta, modifica, potencializa, transforma, cria, provoca, desestabiliza, permite, subverte, joga, brinca!

Maria brinca, imagina, cria, sonha, produz saberes, seus saberes, compartilhados saberes.

Um convite a pensar como aquilo que é clandestino se faz presente no cotidiano escolar. Como os conhecimentos populares e o saber produzido sob uma lógica da oralidade e memória estão na escola? E, ainda, como o celular proibido nas instituições escolares insiste em fazer presença? Como o indesejável faz movimento na aula de matemática?

Para além das discussões sobre currículo, rotina da escola, Base Nacional Curricular, onde esses dois acontecimentos dialogam? Em que encruzilhada eles nos colocam? Uma lágrima sobre o algoritmo da divisão, esse instituído, formalizado, canônico. O outro num envolvimento oriundo do celular, que dá o que pensar, porém, sem esquecer que o celular é o que tem de proibido na escola. Uma aula que acontece, que acolhe o inesperado, se movimenta com o imprevisível.

METODOLOGIA

Aplica-se neste texto e na pesquisa que o embasa um trabalho de natureza qualitativa de base cartográfica em educação, conforme as definições de Passos e Barros (2015).

O processo de pesquisa se dá num movimento cartográfico, onde há uma tentativa de constituir sentidos do cotidiano escolar na escrita, na observação, na percepção e produção de vida que o campo de pesquisa se dá:

Toda experiência cartográfica acompanha processos, mais do que representa estados de coisa; intervém na realidade, mais do que a interpreta; monta dispositivos, mais do que atribui a eles qualquer natureza; dissolve o ponto de vista dos observadores, mais do que centraliza o conhecimento em uma perspectiva identitária e pessoal. (PASSOS; BARROS, 2015, p. 170).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, o que se pretende nesse texto é trazer para a discussão os diversos modos e atravessamentos de como as vidas se produzem na escola. Perceber a escola como um campo vivo, de disputas e de afetos. Não há uma tentativa de dar respostas, mas sim de fazer questionar como os sentidos se dão nos movimentos que se produzem nas aulas. Um convite a pensarmos a produção dos saberes perpassados os diversos modos em que a vida se apresenta para nós, nos provoca e nos faz questionar os diversos dispositivos lançados em mão nesse processo.

REFERÊNCIAS

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Orgs.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2020. 207p.

DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2007.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides. Por uma política da narratividade. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Orgs.). **Pistas do método da cartografia**. Porto Alegre: Sulina, 2015. p. 150-171.